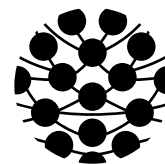




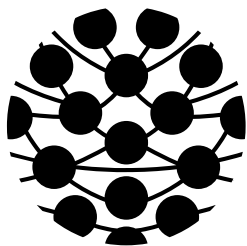
Interações Florestais 2011
RESIDÊNCIA ARTÍSTICA TERRA UNA





Interações Florestais 2011
RESIDÊNCIA ARTÍSTICA TERRA UNA

Liberdade, MG - Brasil



COORDENAÇÃO GERAL: NADAM GUERRA
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO: DOMINGOS GUIMARAENS
COORDENAÇÃO INTERNACIONAL: BEATRIZ LEMOS
PRODUÇÃO LOCAL: MARINA DAIN
BANCO DE DADOS: HÉLIO RICARDO / BRAINSTORM CONSULTORIA
ARTE GRÁFICA: NADAM GUERRA
IMAGEM DA CAPA: MARINA FRAGA - INFILTRAÇÃO, AÇÃO DO RIO E GRAFITE SOBRE TECIDO
DESENHO PG.2 : ELVIS ALMEIDA
ARTISTAS CONVIDADOS: ELINA RODRIGUES, MAYRA MARTINS, SEDASTIAN CRUZ.
PRÊMIO INTERAÇÕES FLORESTAIS: CINDY QUAGLIO, DEBORAH CIMINI, ELVIS DE ALMEIDA, FERNANDO DE PÁDUA, FLORIANA BREYER, JOSÉ CARLOS GARCIA, KHALIL CHARIF, LEANDRO CÉSAR DA SILVA, LEONARDO MOTTA CAMPOS, MARCONE MOREIRA, MARINA FRAGA.
PRÊMIO INTERACCIONES FLORESTALES EN RED:
BRASIL: CINTIA CLARA ROMERO, DANIEL SALAMANCA, OSCAR ABRAHAM.
ARGENTINA: KATHERINE PATIÑO MIRANDA, JIMMY RANGEL ACOSTA, MARCUS VINÍCIUS.
COLÔMBIA: MAYANA REDIN, MAXIMILIANO RODRÍGUEZ, XIMENA ROMEROV.
TEXTOS E IMAGENS ADICIONAIS: DOMINGOS GUIMARAENS, JAYA PRAVAZ, NADAM GUERRA, Nanci MORA, SEDASTIAN CRUZ.
AGRADECIMENTOS: ADELBERTO DOS REIS NOVAES, ANA TOMÉ, ANTÔNIO EVARISTO DE MENDONÇA, DARLENE RESENDE, DIOGO ALVIM, EMMANUEL KHODJA, JAYA PRAVAZ, JOHN HARDING, JOSINEI DOS SANTOS, MARCELO RIBEIRO, LUCIANE LIMA, LURDES PEREIRA, ROBERTO PEREIRA, MARIA DA GÓRIA BRAGA, MARIA DA GLÓRIA FERREIRA DOS SANTOS, VALDINEI DOS SANTOS, LAUZINA COSTA ALMEIDA, CHICO POLÔNIO, ZUZA.
PARCERIA: TERRA UNA, PONTO DE CULTURA E SUSTENTABILIDADE, CACES, CENTRO RURAL DE ARTE, RESIDÊNCIA EL LA TIERRA.
APOIO: AECID, CENTRO CULTURAL DA ESPANHA SP, RESIDÊNCIA_EN_RED, ESCOLA ESTADUAL FREI JOSÉ WULFF.
PATROCÍNIO: FUNARTE, MINISTÉRIO DA CULTURA, SECRETARIA DE CIDADANIA CULTURAL, GOVERNO FEDERAL.
“ESTA INICIATIVA INTEGRARÁ O PRÊMIO INTERAÇÕES ESTÉTICAS, RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS EM PONTOS DE CULTURA”

- Apresentação**
9 com as luzes do passado, os olhos no horizonte e os pés no presente // Equipe IF
13 In Lak' Esch - Eu sou um outro Você // Jaya Pravaz
- 14 Primeiro Grupo
18 Mayra Martins Redin
20 AoLeo
22 Cindy Quaglio
24 Deborah Cimini
26 Elvis de Almeida
28 Fernando de Pádua
30 Khalil Charif
32 oficinas
34 mapa
- 36 Segundo Grupo
38 Floriana Breyer
40 Leandro César da Silva
42 Marcone Moreira
44 Marina Fraga
46 Zé Carlos Garcia
- 48 en_red no brasil
50 Cintia Clara Romero
52 Daniel Salamanca
54 Oscar Abraham
56 Sebastian Cruz
58 oficinas
60 mapa
- 62 en_red na argentina
64 en_red na colômbia
- 66 lista de obras na internet
www.terrauna.org.br



FOTO: SEBASTIAN CRUZ

apresentação//

COM AS LUZES DO PASSADO, OS OLHOS NO HORIZONTE E OS PÉS NO PRESENTE.

É com alegria que apresentamos mais uma edição do Prêmio Interações Florestais – Residência Artística Terra UNA. A edição de 2011 juntou 12 brasileiros das regiões Norte, Sul e Sudeste. Assim conseguimos, nestes 4 anos de programa, reunir artistas de todas as regiões do Brasil. Recebemos também cinco artistas estrangeiros vindos da Argentina, da Colômbia e da Venezuela através do programa Interacciones Forestales en Red que, com apoio da AECID, gerou um grande fluxo de intercâmbios artísticos na América Latina.

Estes artistas foram mais uma vez selecionados em convocatória pública, com voto aberto dos inscritos na internet, sendo que em 2011 também realizamos este processo seletivo com artistas de toda a América do Sul, numa grande conversa sobre arte, uso consciente das tecnologias de telecomunicação e políticas para a desenvolvimento de processos artísticos no continente.

Em Terra UNA mantivemos a proposta de integrar os artistas, vindos em sua maioria de um contexto urbano, com o ambiente rural e as práticas comunitárias da Ecovila. Segue sendo este o maior desafio do programa, um desafio que gera interessantes questões para o desenvolvimento dos projetos de arte levados até ali pelos artistas, que encontram facilidades e impedimentos de outras ordens, tanto quanto para a própria organização da Ecovila, que precisa ser constantemente repensada e ressignificada a partir da chegada de visitantes que, muitas vezes, desacomodados com uma estrutura de vida comunitária e rural, precisam aprender novas práticas, além de trazerem questionamentos e novas possibilidades de interação.

Pensando nestas novas possibilidades de organização social, neste novo ideal de assentamento humano, nesta outra relação ser humano/natureza vamos vendo que as construções sociais são complexas estruturas que vão sendo montadas em conjunto e não uma linha evolutiva tendendo sempre à eficiência máxima. Neste contexto a arte tem importante papel de captar estas energias e racionalizações e transformá-las em pensamentos simbólicos que sejam capazes de penetrar nas mentes humanas por portas destrancadas, desprovidas dos cadeados dos preconceitos cotidianos aos quais todos estamos sujeitos. Assim o belo, o abjeto, o sublime e o horror convivem e interagem. A eficiência necessária, e emocionante, para se erguer um galpão de tijolos de adobe, não é a mesma para criar uma estrutura de bambus que se assemelha a um pássaro. A disciplina, louvável, para se cultivar uma horta orgânica, não é a mesma para agregar uma parte da população de uma cidade do interior em volta de um carrinho de mão adaptado, com telas de LED e autofalantes.

Com resultados muito diferentes em seus mais variados braços Terra UNA vai dançando como Shiva, recriando mundos. Enquanto o programa de Residência Artística vai se firmando como importante pólo de pensamento sobre arte contemporânea, a ecovila cresce com seu programa de ensino de Design em Sustentabilidade (Gaia Education) e cresce fisicamente com suas casas construídas a partir de princípios de bioconstrução, sua forma menos agressiva de lidar com a natureza, suas tecnologias de resolução de conflitos e integração social.

Há 32000 anos o Homo Sapiens e o Neanderthal brigaram por espaços, territórios, fronteiras. Não sobreviveu o mais forte. Sobreviveu aquele que pintava cavernas e criava, a partir do pensamento simbólico, novas maneiras de interpretar e de interagir com o planeta.

Nadam Guerra, Beatriz Lemos e Domingos Guimaraens
EQUIPE INTERAÇÕES FLORESTAIS

ELVIS ALMEIDA, INTERVENÇÃO NA ESTAÇÃO ABANDONADA. FOTO: DOMINGOS GUIMARAENS





In Lak' Esch - Eu sou um outro Você

(Saudação Maia)

Você vem do Pará, Bogotá, Caracas, Santa Fé, São Paulo....
Eu moro no alto da Serra da Mantiqueira, sul de Minas Gerais.

Eu moro em uma Ecovila de pessoas que buscam viver de maneira harmoniosa e sustentável consigo mesmas e com o planeta.
Você vem fazer arte.

Te ofereço casa, comida e um ritmo de tarefas diárias
Você aceita e/ou rejeita

Nós nos encontramos.

A gente se estranha,
Se apaixonava reclama se julga se rebela se liberta se celebra...

Alguém faz um bolo, planta pedras, dança a ferrugem, ilumina ninhos com cristais, pede silêncio, faz uma roda, colhe couve, se dissolve no rio, dá asas a uma bicicleta, faz a barba, enterra rádios de pilha ligados, some com um tesouro, compõe para a cachoeira, reclama dos mosquitos. Faz um ninho para humanos, se fotografa em espelhos, escreve poesia no barro, bebe escondido. Faz um inventário das texturas, uma escultura de bambu, um caderno de perguntas. Reclama da bagunça, mergulha no rio de gravata, faz quadrinhos filosóficos. Fica mudo encima de uma árvore, partilha seus sentimentos, batiza um carrinho na fonte, grita, colhe orvalho, cai, tenta fugir dentro de uma sacola, canta, registra o fogo, pinta com a correnteza, vai a cidade, aprende a fazer pão, escreve poesia no muro, pergunta o que é liberdade, dá aula de dança, planta pés de barro, lava louça com água gelada, agradece,

Juntos, nós celebramos a Vida.

Terra UNA: União, Natureza e Arte.

Jaya Pravaz

DANÇARINA E TERAPEUTA MORADORA DA ECOVILA TERRA UNA



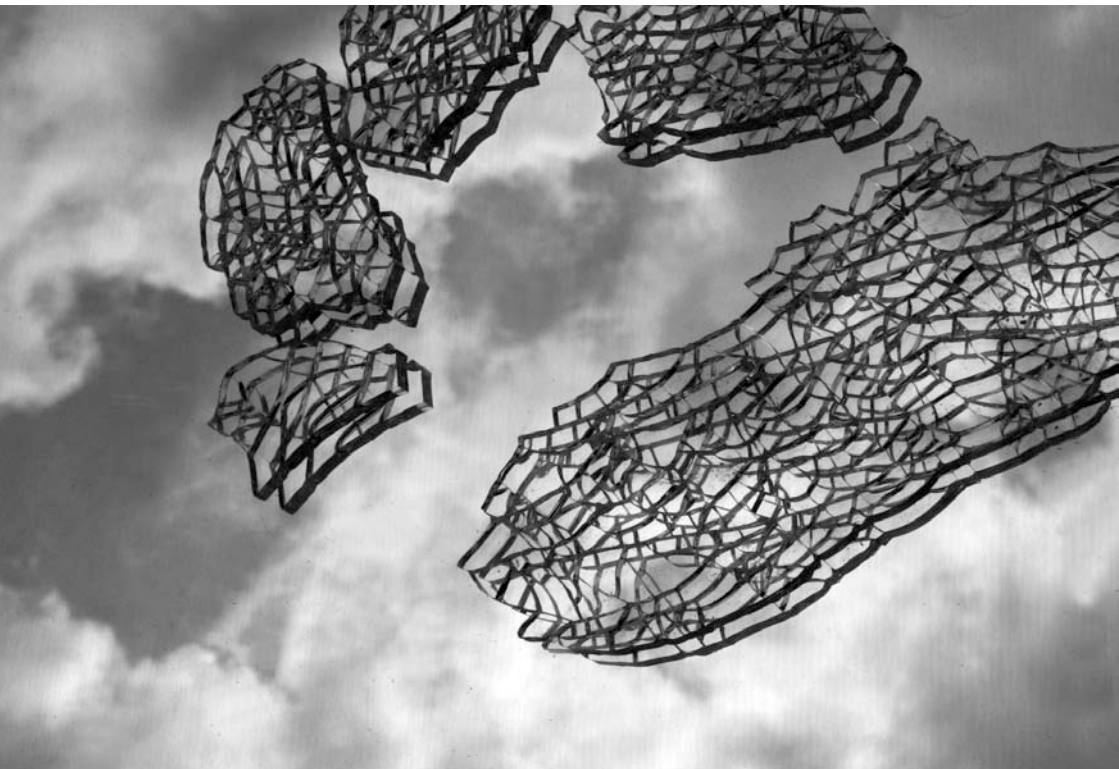
FOTOS: MAYRA MARTINS



QUIMERAS DA MANTIQUEIRA. FOTO: KHALIL CHARIF

Primeiro Grupo

Mayra Martins Redin (RS) Convidada
AoLeo (RJ)
Cindy Quaglio (SP)
Deborah Cimini (MG)
Elvis de Almeida (RJ)
Fernando d'Ádua (PA)
Khalil Charif (RJ)



NUVEM, FOTOGRAFIA: MAYRA MARTINS

imerso e imenso

Fragmento 2
Curta efusão de palavras
Aventura tímida de registrar a fenda (...)
Ana Cristina César

É uma tarefa difícil escrever sobre quando se está imerso. Mesmo que pela segunda vez imerso. Trata-se da sensação de imenso contida nos mínimos detalhes que a convivência com as diferenças provoca. Propus-me escrever sobre os trabalhos e os artistas/criadores com quem convivi durante um mês em Terra Una: Fernando, AoLeo, Elvis, Cindy, Khalil e Débora. Cada novo universo abrindo-se aos meus olhos, não só universos já formados trazidos nas bagagens de cada um, mas universos sendo inventados a cada dia, a cada novo encontro, a cada tombo típico que o estranhamento provoca. E tudo isso se misturando: como falar sobre isso? Escolhi uma pequena cena que mais conta da experiência de residência (e mais especificamente da experiência deste grupo de residentes) que dos trabalhos que cada um desenvolveu. Este acontecimento foi vivenciado por três participantes, mas aos meus olhos ela esteve acontecendo entre todos nós e também nos entres da terra de terra Una.

Uma mariposa nos rodeia. Estamos em cima de uma grande pedra e existem muitas árvores ao nosso redor. A mariposa vai e volta e novamente vai e volta. Leo tem uma tatuagem de folha de amendoeira amarelada e avermelhada sobre sua mão direita. No meu braço, um girassol amarelo. A tatuagem conta uma nova história sobre o corpo. Incorpora-se como se fosse possível mudar o curso. É, de alguma forma, uma afirmação de desejo. Há uma consciência própria do corpo que se modifica e se incorpora de coisas de fora. Lembro de um livro feito de imagens, “zoom”, do escritor Istvan Banyai, onde de página em página vai-se descobrindo que uma coisa está contida em outra que está contida em outra que está contida em outra... De perto cada coisa pode ser infinitamente grande e detalhada, ao afastarmos o olhar descobrimos o entorno disso que vemos, e este entorno também é grande e detalhado, e se nos afastarmos mais ainda, viveremos novamente esta sensação de que detalhes estão contidos em detalhes maiores que estão contidos em detalhes ainda maiores que estão contidos em detalhes

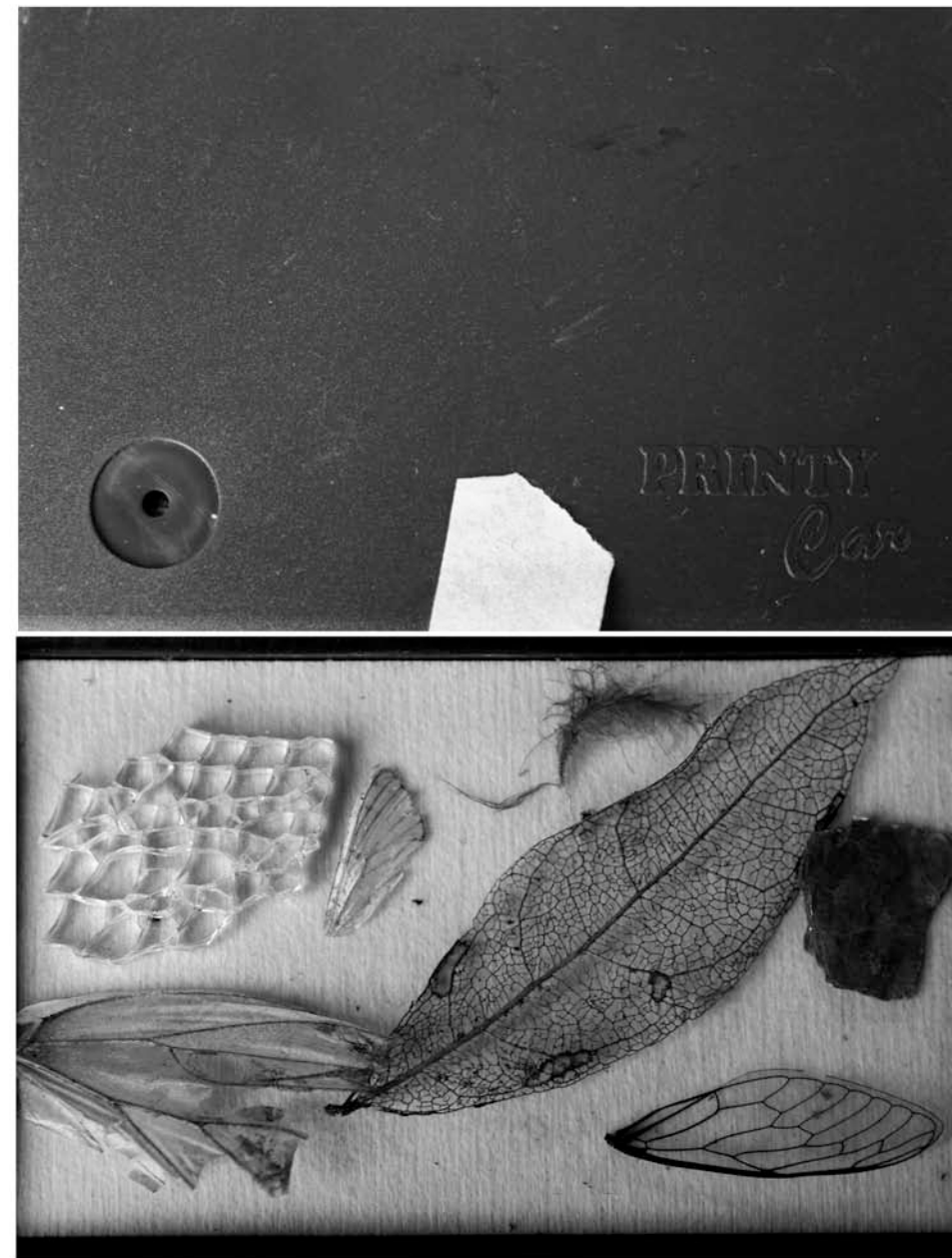
maiores... O mesmo pode ser experimentado ao contrário. Partir do distanciamento e aos poucos ir se aproximando e dissecando com o olhar os pequenos detalhes que se agigantam ao nos aproximarmos.

A cena que se passou sobre a pedra, Leo, eu e Fernando, poderia ser vista destas duas maneiras (ou de tantas outras). A mariposa circulava Leo e aos poucos decidiu pousar sobre seu corpo. Rapidamente percebemos que suas asas imitavam perfeitamente uma folha seca: a ponta do caule que se desprende da árvore, o pequeno buraco da folha em decomposição (que simulava um buraco real já que ele não existia – olhando de perto percebíamos uma pequena película transparente que o encobria), as linhas dos veios, uma pequena divisão como se a folha tivesse se quebrado em duas partes e estas tivessem se deslocado levemente, a cor entre um amarelado e marrom que indicava a estação pela qual a suposta folha passava (mais que a estação, indicava o ciclo daquela vida). A mariposa escolheu diversos lugares do corpo do Leo para pousar: nariz, pés, ombro, mãos... Ela lambia seu corpo de forma que parecia desenhar ou escrever qualquer coisa.

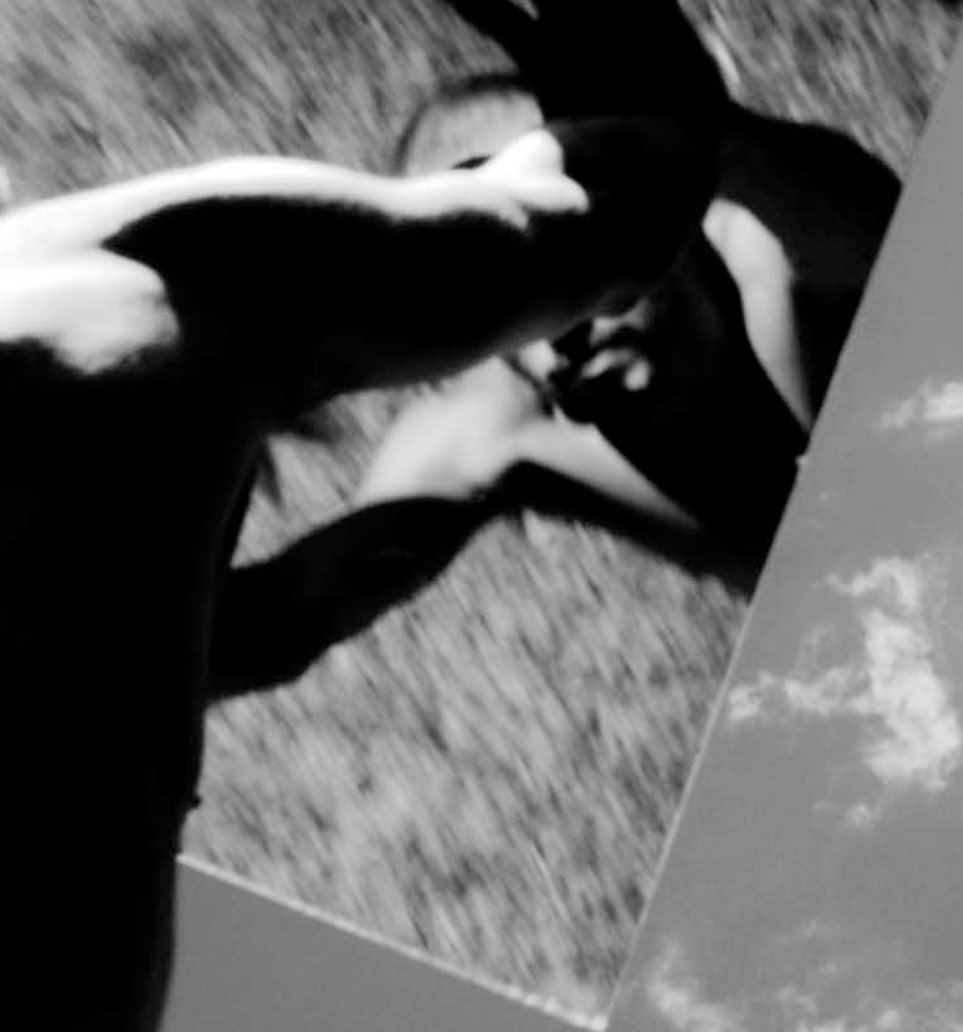
Imediatamente, ao ver esta cena, passou por mim uma forte sensação de estar participando de uma camuflagem universal. Como se fosse próprio daquilo que vive incorporar elementos do outro para sobreviver. Logo a separação tão comum dos seres por grupos me veio à cabeça: a borboleta faz parte do mundo dos insetos, as folhas fazem parte do reino vegetal e o Leo, eu e Fernando somos seres humanos... Como pode então uma borboleta estar folha seca? A explicação científica não me interessa neste momento. O que interessou foi perceber que existe aí uma assimilação extremamente complexa e peculiar que causou em mim um vazio destruturante. Perda de limites entre eu e outro, queda da idéia e sensação de identidade, diluição das divisões entre aquilo que difere (sem deixar de diferir) e suposição de que possam existir consciências (que não esta idéia que conhecemos de consciência) que rege e compõe as existências, sendo que a partir delas tais camuflagens, incorporações, e podemos dizer também fagias, se fazem e se desfazem tomando um pouco do outro, compondo com diversas partes e derivações de outros sem compor uma essência, mas sim diferenças de si.

A mariposa continua sua dança sobre Leo. É extremamente difícil para nossos olhos conscientes olhar aquela mariposa e ver uma folha seca e de repente ver novamente uma mariposa e depois uma folha seca... Conviver com aquilo que se transforma, nu aos seus olhos, é algo que não percebemos tão obviamente em nossos corpos. Mas estas pequenas transformações estão lá. Ou melhor, aqui. E agora. Talvez a tatuagem seja uma forma bem simplificada e representativa de falar disso, justamente por tornar imagem e forma isso que se dá de forma invisível continuamente. A mariposa, como a tatuagem, também visibiliza sua transformação, justamente para se invisibilizar, para engolir o outro, para criar um si feito de outros. Tornar visível um invisível para tornar invisível para tornar invisível para tornar visível...

A mariposa sobre Leo exercita sua camuflagem de outros. Mas Leo também exercita a sua. Seria ele uma pedra, uma árvore, uma montanha diluindo-se na imensidão, como um detalhe do qual nos afastamos que carinhosamente oferece seu corpo duvidoso para que a mariposa se camufle sobre outra camuflagem?



SEM TÍTULO 2, OBJETO (COLEÇÃO)



Pequeno poema de após a chuva

*frescor agradecido de capim molhado
como alguém que chorou
e depois sentiu uma grande,
uma quase envergonhada alegria
por ter a vida
continuado...*

Mario Quintana



SABI. FOTO: AoLEO

Sabi

Sabi, palavra japonesa que designa ferrugem, corrosão; princípio de beleza que reside nas marcas deixadas na matéria pela passagem do tempo; o tempo nos aproxima da essência das coisas, corporificando a ligação entre arte e natureza.

Partindo de sabi como campo de investigação poética, e de treinamentos corporais diários como suporte, durante um ciclo lunar em terra. Uma coletei diferentes materiais em estado de sabi. Folhas secas em torção, ferramentas enferrujadas, madeira em decomposição, sapato imerso no lodo da cachoeira, e um velho casaco que esteve exposto ao tempo. Do encontro com esses materiais, algo acontece entre nossos corpos, algo passa pelo corpo e se manifesta em dança; dança cuja elaboração se dá não por um pensamento estruturador a priori, mas por um estado de receptividade. Improvisação e receptividade, tendo o espírito das matérias como parceiros; um espaço cênico como campo de força, foi sendo criado e uma performance foi aberta ao público. No final da residência, os elementos que foram meus colaboradores, foram devolvidos à natureza, seguindo seu curso de decomposição.

Cindy Quaglio

1982, São Paulo, SP. Vive em Pindamonhangaba, SP



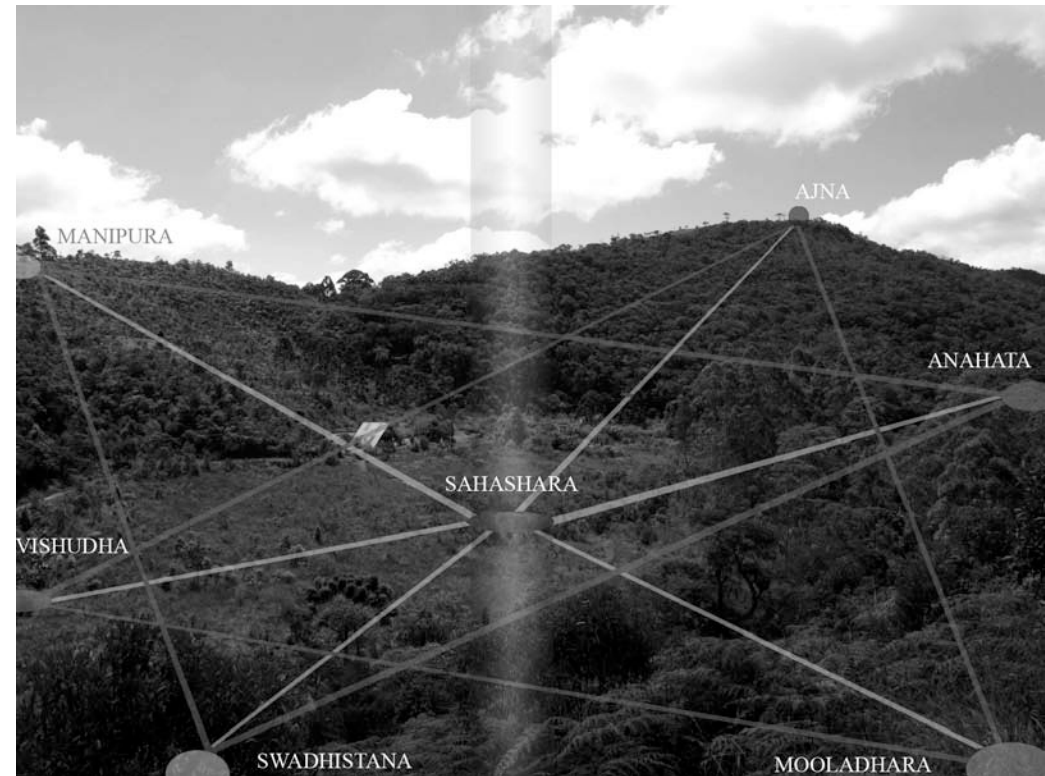
“Esta pedra é pedra, mas é também animal, é também Deus, é também Buda”. Não lhe tributo reverência ou amor, porque ela um dia possa se tornar isso ou aquilo, senão porque é tudo isso, desde sempre e sempre.”
Hermann Hesse (SIDARTA)

AO LADO: PEDRA DO MOOLADHARA CHACRA

ABAIXO: MALHA ENERGÉTICA RELACIONADA AOS CHACRAS DO CORPO HUMANO. FOTOS: DEBORAH CIMINI

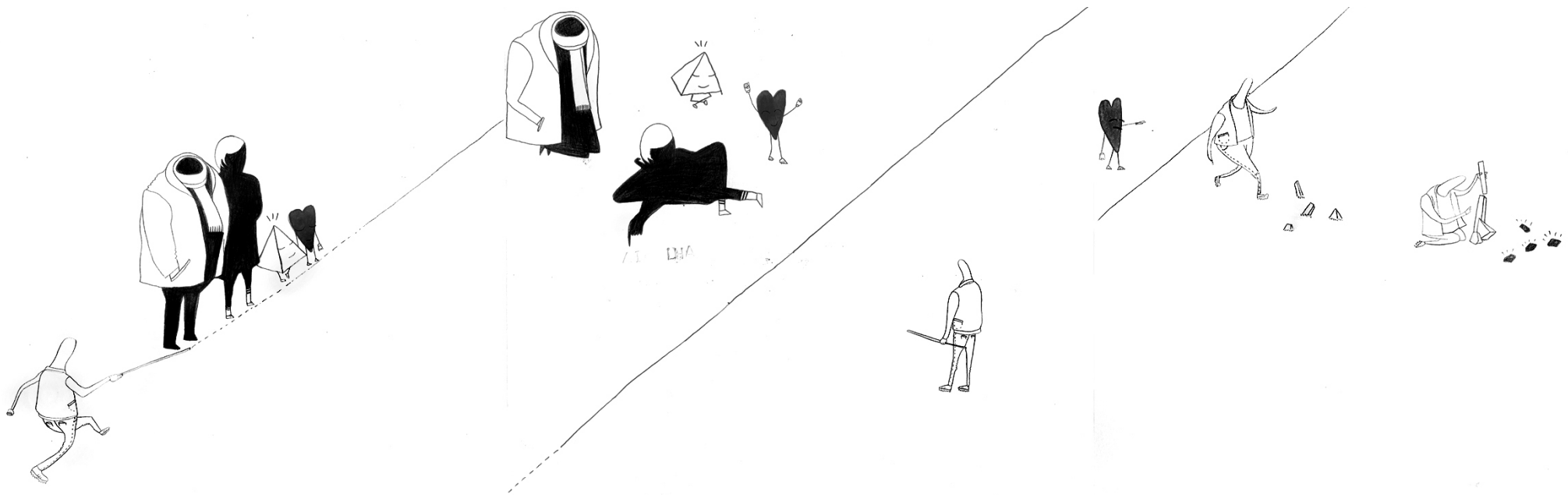
O Eu e o Outro Eu

Iniciamos o percurso pela piscina japonesa, uma parte do rio encantada pelos bambus, pelas árvores e pelas pedras. Cada uma pegou pedra, elas falavam conosco... pedra coração, pedra fígado, pedra sutil alegria. A paisagem era linda, de manhã fresca, verde vivo e intenso... bailamos com as águas, o ar e o sol, bailamos com a luz que permeia a tudo por dentro e por fora de nós. Bailamos a vida e a sutilidade na energia da Mãe Divina. Entremeamos nossos seres e nos reconhecemos entre si. Um complementar exato. Trocamos energia através dessa experiência e segurando as pedras pudemos sentir o estado que cada uma de nós estava vibrando. Subimos o morro e desbravamos o caminho em direção ao ponto nordeste. Chegamos nas araucárias gêmeas no topo do morro, de onde víamos o horizonte extenso e luminoso. Foi no entardecer. Deixamos nossos corpos nos levar e cada uma foi para um ponto diferente, sentimos a Terra e nela a mesma energia das pedras do Rio.



Deborah Cimini

1981, Caratinga, MG. Vive em Belo Horizonte, MG



Pequeno texto sobre arte, sobre vida, com inicio

Terra Una Interações Florestais foi a primeira experiência que vivenciei em residências artísticas.

Tinha em mente a idéia inicial de contar através de fotografias as narrativas que costumo apresentar utilizando a linguagem do desenho. Previamente possuía um ensaio mental do que pretendia produzir estando em Terra Una, porém serviria apenas como um gatilho para o processo de construção de uma narrativa que não se daria por encerrada estando lá.

DESENHO: ELVIS ALMEIDA

e meio.

Para a captura das imagens que seriam usadas na minha fotonovela punk pós-apocalíptica florestal, fui munido de um equipamento em más condições de funcionamento e que datavam de uma era pré-histórica das câmeras digitais e para completar levava na bagagem a total inexperiência e visível falta de entrosamento com esses mecanismos.

Mas foi entre o café da manhã e a harmonia borboleta que pude conhecer as pessoas que me dariam suporte, me apoiariam na sobrevivência e seriam fundamentais na construção do meu pequeno trecho de produção artística.

Elvis Almeida
1985, Rio de Janeiro

JABIRACAR, JABIRACANDO. De um extremo ao outro do país os processos cotidianos metamorfoseiam-se feito às lagartas da borboleta. Casulos, entidades grotescas em sua forma, sutis na ausência, deslumbrantes na presença. uma repetição de diferentes graus de natureza. mutabilidades de um todo latente: corpo, alma e mente. tempo materializado na duração da passagem aglutinada às estruturas em processo de construção. homem natureza na eterna roleta da ilusão. gestos do ofício, apropriação, fragmentalidades. paiol, museu da memória no cotidiano da floresta que em festa, cultua a natureza na dinâmica de sua existência. multiplicidades, identidades, acontecimentos. nudez, fluidez, embriaguez de espírito. gestos suaves, movimentos sublimes na curva do tempo transportada no vento frio do vale, nas gotículas de ovário das manhãs sobre a vegetação à margem das cachoeiras. ar rarefeito que estufa o peito e preenche a alma nas idas e vindas, nas trilhas da montanha na busca insana da dimensão ideal no horizonte dos desenhos sinuosos pintados no céu, do alvorecer ao entardecer. lugares da memória, não-lugares passantes. espaço inventado, revelado na contração-tensão entre dois tempos, dois lugares. corpo, suporte revertido em coisa “frankstenizada”. matrizes recombinantes de um jogo animado. “ciranda cirandinha vamos todos cirandar, pecinhas pecinhas venham todas se agrupar, pra mostrar pra essa gente o jogo lúdico do brincar”; TREPERSA, TREPERSA - o mais esquisito do esquisito, já dizia mestre Lilíco. uma coisa puxando outra no quebra cabeça esquizo do processo de criação. todos e nenhum. P.R.O.C.E.S.S.O – E.X.P.E.R.I.M.E.N.T.A.Ç.Ã.O – L.I.B.E.R.D.A.D.E – N.A.T.U.R.E.Z.A – I.N.S.T.I.N.T.O – A.R.T.E . materialidade de um conjunto de imagens a se atravessar por instantes de lucidez e delírio. existência de uma coisa situada entre isso e aquilo, entre o estranho e o grotesco, entre o belo e o feio, como borboletas folhas a pousar sobre os corpos tatuados de folhas, flores e abelhas; um certo estranhamento capaz de provocar um choque entre o que entendemos por real e o que consideramos imaginário. Imagens reveladoras de outros sentidos, pra mim e pra você. lembrança situada em qualquer lugar da memória atuando como dispositivos de anunciação, dispositivos de sensações, de dimensões, afastando-se aproximando-se uma das outras como o vôo das borboletas no caminho da cachoeira; como a água que desce sobre as pedras moldando novos caminhos no labirinto desenhado pelo tempo, esculpindo, lapidando, reconstruindo a paisagem outrora devastada. I.M.E.R.S.Ã.O, desprendimento, superação, paixão e desejo transformada em potencia criativa. Reformulação das relações na intimidade da alma, no inter-ser. revolução molecular, ascensão espiritual. troca, redescoberta, afirmação. estado processual na linha da vida a costurar novas relações na fusão entre dois tempos, o meu e o dos outros. linhas de fuga no vôo da Matinta Pereira em plena Serra da Mantiqueira. TREPERSA, TREPERSA, TREPERSA, por onde vais me levar neste jogo de pega-pega, de constrói e destrói, de fazer e refazer ao som dos operários de uma nova era em meio ao vale? do norte ao sul dentro da estrutura, por dentro do grande aparelho, atravessando suas fissuras pelas redes virtuais de troca; trocas de idéias, processos, percepções e carinho. imanência de uma vida conectada para sempre pelas afinidades e confidências no todo da existência transfigurada nos atos mais simples da vida cotidiana. vida como um processo, labuta, dedicação, empirismo e criação que em seu modo de fazer, inventa um modo de atuar, de operar nas dimensões possíveis de uma realidade posta a prova. no campo das representações do estado liminal próprio da razão no equilíbrio das ações. compreensão, gratidão, evocação de outras energias, outras identidades mutáveis, outros seres encantados como as fadas da cachoeira. coletividade, solidão, fogueira e fumaça. natureza humana, demasiadamente humana. breve percepção distorcida de uma nova atmosfera outra. vaga lembrança. eterna aprendizagem.



TREPERSA EM PROCESSO. FOTO: AOLEO



BRAINSTORM. FOTOS: AO LEO

A partilha do sensível (ou viagem ao centro da terra)

A experiência de troca e envolvimento, que havia começado no site do Interações Florestais com o bate-papo entre artistas inscritos com propostas e sonhos, agora passava para um novo estágio: a residência artística em si.

A maioria veio junto, de ônibus, até uma cidade próxima, e de lá partimos naquele fim de tarde para o início da aventura. Logo o tempo mudou e um temporal assolou a estrada de terra, que virou lama, e os carros não passavam mais. Caiu a noite e lá estávamos nós, de alma lavada, encharcados e felizes, chegando.

O pequeno Tuan, Jaya e Nadam nos receberam com um “bem-vindos à Terra UNA”, na casa da Borboleta – o ponto central da ecovila. Logo em seguida veio Nana. Reunidos na cozinha, de mãos dadas, cantamos e dançamos em roda... Celebramos nossa existência ali juntos, e, entre tantas outras coisas, conversamos, noite adentro... Foi assim, alcançando o belo, nosso primeiro dia em Terra UNA. A partir dali, seriam quatro semanas de convivência em comunidade naquela usina de força poética criadora, em meio a uma floresta, nos vales da Mantiqueira.

Terra UNA encanta.

Meditar, observar, interagir... O silêncio, a partilha, o mutirão... Pouco a pouco nos acompanha uma sensação de pertencimento a algo maior, indescritível... Percebemos a vida e a arte se entrelaçando de maneira diferente... Sentimos o acaso e as leis da natureza... Tudo nos conduzindo a um improvável descobrir de forças e limites, de superação e descondicionamento. Uma verdadeira expedição, uma viagem ao centro da terra e de nós mesmos.

Realizar e colaborar nos projetos artísticos de cada um acaba se tornando um caminho natural de querer o melhor para o outro, para cada membro dessa nova grande família. Pensar propostas em conjunto também, porém são menos freqüentes - pois que é preciso dar conta dos trabalhos individuais de cada um e às vezes isso envolve a urgência do tempo. Precisamos aprender a lidar mais com ele, o tempo; mas também com nossas expectativas, nossas perspectivas, deixar fluir e viver aquele momento, transbordar, nos reinventar. Somos seres inquietos, mas ali aprendemos um novo tempo das coisas.

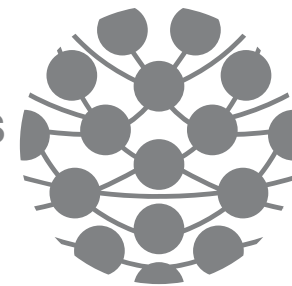
Das experiências mais interessantes, a maioria acontece quando estamos juntos, embriagados pela convivência. O lugar, as pessoas, tudo se transforma em campo expandido de possibilidades, que despertam, que transcendem. O impulso criador reencontra necessidades vitais. Vem uma certeza quase misteriosa de que aquilo, a experiência, vai permanecer, nos acompanhar dali em diante. Quem sabe alguns de nós consigam traduzir tudo isso e compartilhar, com toda a magia do sensível, aquela vivência; ou quem sabe só mais na frente, no futuro, toda essa energia se manifeste e se espalhe, além-nós.

Seduzidos pela memória, e pela verdade dos dias, a vontade é de continuar a habitar aquela realidade.

O sol já se pôs, mas ainda não terminou. A noite se apresenta e nos reserva outras surpresas... E quem sabe, amanhã tem mais.

Longa vida Terra UNA, terra de todos nós.

Khalil Charif
1967, Rio de Janeiro



Oficinas na E.E. Freo José Wulff

ESTÊNCIL, com Elvis Almeida (RJ)

Objetivo: Introduzir a esta Técnica de gravura.

POEMA PEQUENO, com Mayra Martins Redin (RS)

objetivo: Experienciar a prática literária do hai-kai, estilo de poema japonês.

CAIXA DE IDÉIAS, com Fernando de Pádua (PA)

objetivo: realizar colagens para desenvolver a imaginação.

PINTURA DE PAINEL, com Elvis Almeida (RJ) e Fernando de Pádua (PA)

objetivo: realizar um painel no pátio da escola juntamente com os alunos.

Oficinas no Ponto de Cultura e Sustentabilidade

VÍDEO EXPEDIÇÃO/ PROJETO LIBERDADE, com Khalil Charif (RJ)

Objetivo: Introduzir a linguagem audiovisual. Noções práticas de fotografia e vídeo e realização de vídeo.

PINTURA E COLAGEM “Livro de artista” com Leo Monteiro (RJ)

Objetivo: Introduzir a linguagem plástica.

Vivência na Ecovila Terra UNA

GEOBIOLOGIA com Deborah Cinimi (MG)

Objetivo: Vivenciar a percepção do corpo humano e da terra como organismos in(inter)dependentes.



ACIMA:

RESULTADO DA OFICINA PINTURA DE PAINEL COM ELVIS ALMEIDA E FERNANDO DE PÁDUA. FOTO: NADAM GUERRA

ABAIXO: PROJETO LIBERDADE DE KHALIL CHARIF

Interações Florestais

2011 RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

TERRA UNA ←



Guia de Visitação
 Quinta, dia 07 de abril 2011
 até Domingo, dia 10 de abril

FERNANDO D'PÁDUA (PA);
 DEBORAH CIMINI (MG);
 AoLeo (RJ);
 KHALIL CHARIF (RJ);
 ELVIS ALMEIDA (RJ);
 CINDY QUAGLIO (SP);
 MAYRA MARTINS (RS);

FRAGMENTO DO GUIA DE VISITAÇÃO DE ABRIL
 DESENHOS: ELVIS ALMEIDA,
 FERNANDO D'PÁDUA E MAYRA MARTINS

Por um mês, 7 artistas
 ESTIVERAM EM TERRA UNA,
 LIBERDADE, AUGUSTO PESTANA
 E BOCAINA.

CONVITAMOS VOÇÊ PARA UMA
 MOSTRA DE ARTES, COM FOTOS,
 VÍDEOS, DESENHOS E ÁRVORES.

NA CAIXA D'ÁGUA DE
 AUGUSTO PESTANA
 QUINTA, 7 DE ABRIL, 2011
 18h

E TAMBÉM
 EM TERRA UNA
 SÁBADO, 9 DE ABRIL, 2011
 das 14h às 20h



I ♥
 LIBERDADE!



PROGRAMAÇÃO

QUINTA: ■ EXPOSIÇÃO EM A. PESTANA
 18h

SEXTA: ■ PERFORMANCE SABI + CINDY QUAGLIO
 15h30 + GALPÃO

SÁBADO: ■ PERFORMANCE + KHALIL CHARIF
 16h + CASULO

■ MOSTRA DE FOTOS E VÍDEOS
 19h30

■ EXPOSIÇÃO → ELVIS ALMEIDA
 MAYRA MARTINS
 NADAM GUERRA

■ TREPERSO E JABIRÇA
 (ESTRUTURAS INTERATIVAS)
 FERNANDO D'PÁDUA

■ VÍDEO-EXPECIÇÕES →
 KHALIL CHARIF

DOMINGO: ■ Ativação Pedra Central
 Deborah Cimini
 9h - Borboleta



EM PÉ: NADAM GUERRA, LEANDRO CÉSAR DA SILVA, ZÉ CARLOS GARCIA, FLORIANA BREYER, MARINA FRAGA, SEBASTIAN CRUZ, BEATRIZ LEMOS E MARCONE MOREIRA.
SENTADOS: ELINA RODRIGUES, DANIEL SALAMANCA, CINTIA CLARA ROMERO, OSCAR ABRAHAM E DOMINGOS GUIMARAENS

Segundo Grupo

Floriana Breyer (SP)
Leandro César da Silva (MG)
Marcone Moreira (PA)
Marina Fraga (RJ)
Zé Carlos Garcia (RJ)

IF_en_red
Cintia Clara Romero (argentina)
Daniel Salamanca (colômbia)
Oscar Abraham (venezuela)
Elna Rodrigues (argentina) convidada
Sebastian Cruz (colômbia) convidado



ANDARILLO. FOTOS: SEBASTIAN CRUZ E DOMINGOS GUIMARAENS



Andarilo

A partir dos dispositivos da economia informal e seus inventores na cidade de Liberdade, foi construído um dispositivo relacional ambulante. Os encontros e percursos animam o dispositivo que vai construindo relações afetivas, colocando uma lente sobre a realidade por onde transite e ativando espaços públicos. Agente aglutinador visa promover celebrações públicas coletivas. Foi batizado “Trapizongo” depois de um cortejo musical que foi do ponto de cultura até a bica d’água onde aconteceu a cerimônia.

Floriana Breyer

1982, Porto Alegre, RS. Vive em São Paulo, SP

Movimentos Sonoros

Música Natural

O potencial sonoro existente na natureza é fundamental para a criação da música, desde os sons da mata, das águas, do vento e dos pássaros à matéria prima para a construção dos instrumentos musicais tradicionais. A proposta de construir uma instalação sonora utilizando o potencial energético da água foi o ponto de partida para o trabalho.

Uma roda d'água de 1 metro de diâmetro transmite o movimento circular para um eixo de 2 metros de comprimento onde estão dispostos 19 "martelos", que percute 8 teclas de marimba feitas de bambu, todas presas na estrutura do instrumento.

A construção dessa máquina sonora foi um passo inédito na minha pesquisa de construção de plásticas sonoras e instrumentos musicais experimentais, levando-me a um novo campo de criação, elevando a idéia de utilizar fontes de energia natural como água e vento para criação de um moto-perpétuo, uma escultura que gera um ambiente sonoro permanente, minimalista, sujeito à constante intervenção da natureza.



ESQ: AMPULHETA DE ROSCA / CHUVA DE DUCHAMP. ACIMA: USINA HIDRO SONORA. FOTOS: DOMINGOS GUIMARAENS



Durante a residência outros trabalhos surgiram a partir de materiais encontrados no cotidiano ou de idéia desenvolvidas. A Ampulheta de rosca é um desdobramento dos Harmonizadores de Marco A. Guimarães. A forma e função de um relógio de areia é aplicada a cinco barras rosqueadas presas em duas cabaças cortadas ao meio, unidas por um eixo de madeira e colocam a cada ciclo uma quantidade de tempo variável, definida pela queda de 10 arruelas. Chuva de Duchamp é a carcaça de uma cadeira de aço e uma roda de bicicleta, que no lugar do pneu há uma mangueira para tubulação de fios elétricos que cheia de grãos de arroz produzindo sons de um pau de chuva.

Leandro César da Silva
1985, Contagem, MG. Vive em Belo Horizonte, MG



AUSENTE PRESENÇA, INTERVENÇÃO. FOTOS: MARCONE MOREIRA E NADAM GUERRA



AUSENTE PRESENÇA

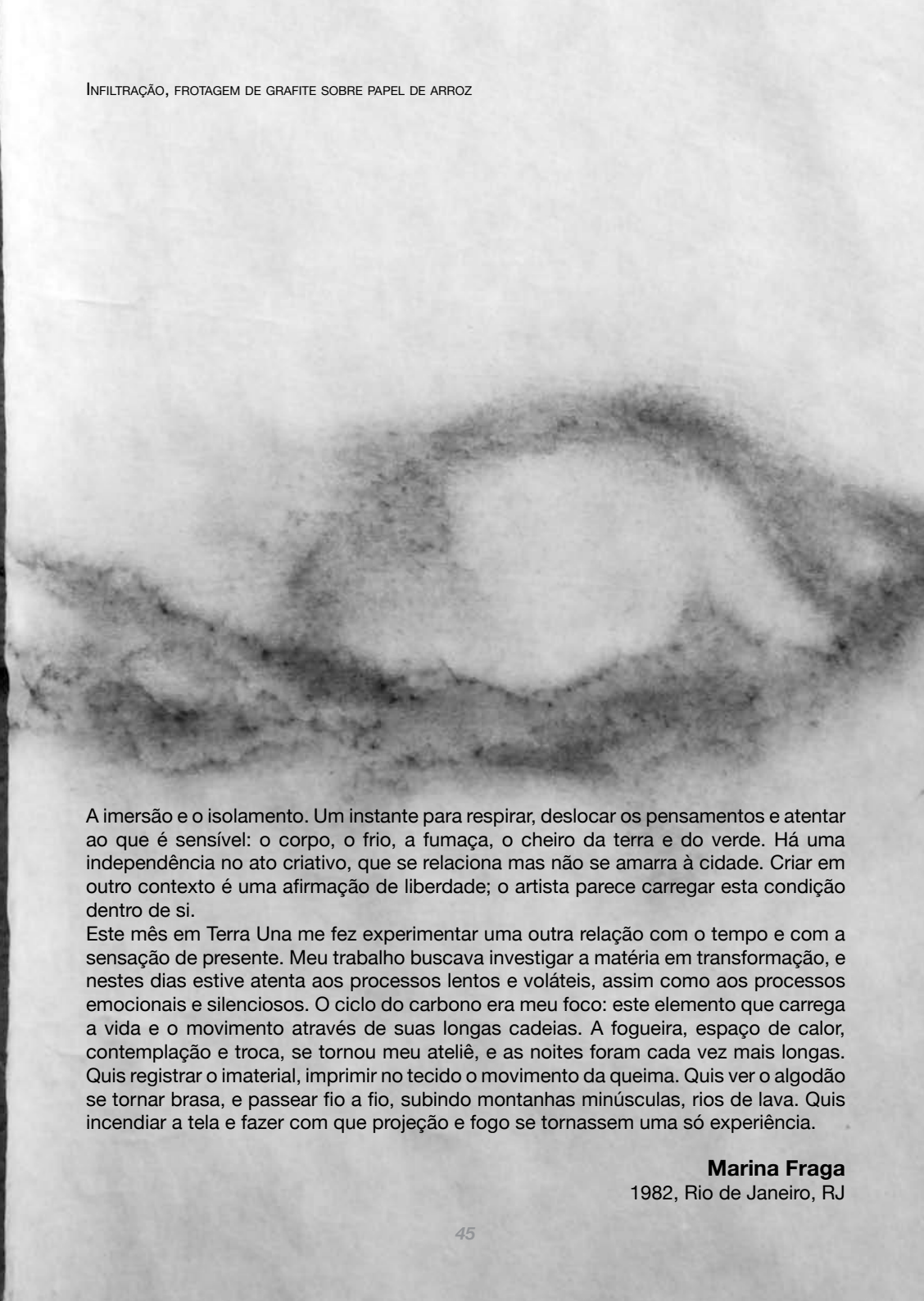
Foram realizadas esculturas de argila a partir do molde dos pés de varias pessoas, tanto da comunidade local como dos artistas participantes.

O molde dos pés foi feito com gesso para posteriormente serem feitas as esculturas em argila.

As peças são queimadas, foram instaladas na ecovila de forma a criar metaforicamente algumas presenças, as esculturas irão sofrer as intempéries do tempo (como a chuva) num processo de desgaste natural, onde serão novamente integradas ao solo do lugar.

Todo esse processo, desde a confecção das peças até a instalação e integração das esculturas ao ambiente, foi registrado em fotografia.

Marcone Moreira
1982, Marabá, PA.
Bolsa Ponto de Cultura



A imersão e o isolamento. Um instante para respirar, deslocar os pensamentos e atentar ao que é sensível: o corpo, o frio, a fumaça, o cheiro da terra e do verde. Há uma independência no ato criativo, que se relaciona mas não se amarra à cidade. Criar em outro contexto é uma afirmação de liberdade; o artista parece carregar esta condição dentro de si.

Este mês em Terra Una me fez experimentar uma outra relação com o tempo e com a sensação de presente. Meu trabalho buscava investigar a matéria em transformação, e nestes dias estive atenta aos processos lentos e voláteis, assim como aos processos emocionais e silenciosos. O ciclo do carbono era meu foco: este elemento que carrega a vida e o movimento através de suas longas cadeias. A fogueira, espaço de calor, contemplação e troca, se tornou meu ateliê, e as noites foram cada vez mais longas. Quis registrar o imaterial, imprimir no tecido o movimento da queima. Quis ver o algodão se tornar brasa, e passear fio a fio, subindo montanhas minúsculas, rios de lava. Quis incendiar a tela e fazer com que projeção e fogo se tornassem uma só experiência.

Marina Fraga
1982, Rio de Janeiro, RJ



SEM TÍTULO, INTERVENÇÃO COM CRISTAIS SOBRE CASA DE INSETO. FOTO: DOMINGOS GUIMARAENS

A possibilidade de recriar o mundo frente a formas inicialmente estabelecidas pela Estética me levou aos insetos como simulacro e a partir deles experimentar uma nova natureza após ser apropriada pela arte.

O trabalho de pesquisa com os insetos proporciona uma observação mais detalhada de seus hábitos, cores, formas e habitat, e indica um pensamento de um movimento fractal. De como ficará o comportamento observado dos insetos dimensionados em uma escala maior (humana) mas com a mesma estrutura de organização social. Essas colônias têm, em geral, uma organização tão ou mais complexa que a observada em nossas casas, condomínios e cidades.

Ao realizar uma pesquisa traçando paralelos entre a organização das colônias de insetos e a nossa própria sociedade busquei o objetivo final deste trabalho que é o registro da pesquisa através de formas e desenhos, realizados durante e após o período na Ecovila Terra Una. Nas quatro semanas de residência artística realizei a pesquisa de observação comportamental de diversas colônias, em especial vespeiros, e a reação à introdução de corpos estranhos a estes ambientes socialmente organizados.

Pude observar, por exemplo, os conflitos gerados pela introdução de indivíduos da mesma espécie, porém originários de outras áreas, no vespeiro. Conflitos por movimentos diferentes, por ações contraditórias às praticadas na colônia hospedeira, causando não apenas revoadas como também desequilíbrio e desarmonia no grupo.

Essa divisão de um mesmo espaço “enxameado” gerou uma troca extremamente produtiva, tendo influenciado diretamente o trabalho da coletividade.

Afinal, como diz a sabedoria popular, se envolver em algumas questões complicadas “é como mexer em vespeiro”.



interacciones florestales en red

Interacciones Forestales en Red é o primeiro projeto de colaboração entre três organizações que trabalham em zonas rurais. No começo de 2010, Terra UNA localizada na Serra da Mantiqueira no Brasil convoca com o fim de desenvolver um projeto em rede à Residencia en la Tierra que está situada na zona cafeteira de Quindío na Colômbia e ao CENTRO RURAL DE ARTE que realiza atividades em distintas regiões de Argentina.

Durante um ano foram desenvolvidos as bases para a execução do projeto através de reuniões on-line onde foram acordados os passos para seu andamento. O desafio foi como realizar um projeto conjunto que levasse em conta as particularidades das três organizações. Trabalhamos na busca por financiamento, na concepção e na difusão de uma convocatória que contempla o vínculo de projetos de arte em residência em contextos socio-geográficos específicos.

Interacciones Forestales en Red concedeu bolsas para realizar residência para 9 artistas sul-americanos. Mediante uma plataforma na web que serviu para dar visibilidade a 85 projetos inscritos, foi gerado um fórum de discussão e intercâmbio entre artistas de distintos países. O processo de seleção foi realizado através de votação on-line entre os participantes inscritos e cada uma das três organizações. Três artistas estiveram em cada espaço, desenvolveram um projeto artístico em residência e brindaram com oficinas aos centros e comunidades locais.

Membros de Residencia en la Tierra e CENTRO RURAL DE ARTE, também viajaram a Terra UNA durante a etapa de residência. Isto permitiu vivenciar de modo conjunto uma das instâncias do projeto, aprofundar o intercâmbio e ir pensando em próximas colaborações

Interacciones forestales en red foi um local de encontro, tanto entre os membros dos centros de residência, como entre os artistas participantes.

Datas de realização:

2011

Argentina /// 14 de abril a 11 de maio

Brasil /// 16 de maio a 12 de junho

Colômbia /// 20 de junho a 17 de julho

Projeto realizado dentro do residencias_en_red_iberoamerica, com o financiamento do AECID.



OFICINA CINTIA CLARA ROMERO. FOTO: SEBASTIAN CRUZ

IF_en_red_brasil

//Somas

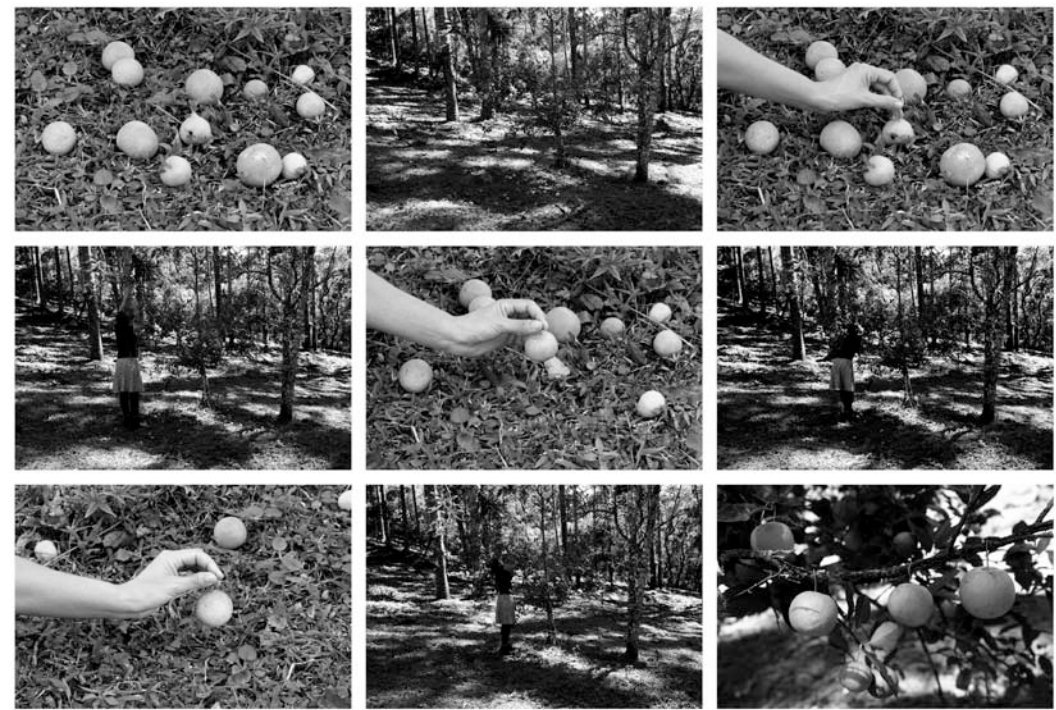
Em Terra UNA o Interacciones florestales en red aconteceu junto à segunda etapa do Interações Florestais 2011. Eram 5 artistas brasileiros, 3 sulamericanos e 2 coordenadores das residências parceiras. Ao todo estavam 10 artistas compartilhando o dia-a-dia da ecovila. Foram dias intensos de trabalho, conversas, questionamentos e descobertas.

O ambiente da ecovila foi muito presente nos três projetos selecionados. Daniel Salamanca (CO) que tentou miniaturizar a catalogar Terra UNA em sua maleta. Oscar Abraham (VE) que construiu um espaço para ser usado pelos habitantes da ecovila. E Cintia Clara Romero (AR) produziu uma série de vídeos e fotos em embate com o ambiente. Sebastian Cruz de representante de Residência en la Tierra realizou também um projeto pirata.

As oficinas que abarcaram o urbanismo, o vídeo e a literatura portátil ocorreram na cidade de Liberdade, No Ponto de Cultura e Sustentabilidade e na Escola Estadual Frei José Wulff.



ACCIÓN PARA PASAR EL TIEMPO



CAER DE MADURO, DE LA SERIE FORMAS DE ACCIÓN

Entre la decepción y la esperanza.

Durante mi estadía en Terra Una desarrollo una serie de videos y fotografías, titulada Entre la decepción y la esperanza, en la que registro acciones que revelan mecanismos de comportamiento.

Trabajo a partir de la autopercepción y de los recursos propios de la autobiografía para producir imágenes en torno a las ideas de imposibilidad, inutilidad, desaparición, adaptación, perseverancia, incomunicación y traducción, íntimamente ligadas éstas a mi experiencia como residente.

Piezas producidas

Videos: Formas de acción / Consignas (o Técnicas de supervivencia / Traducciones.

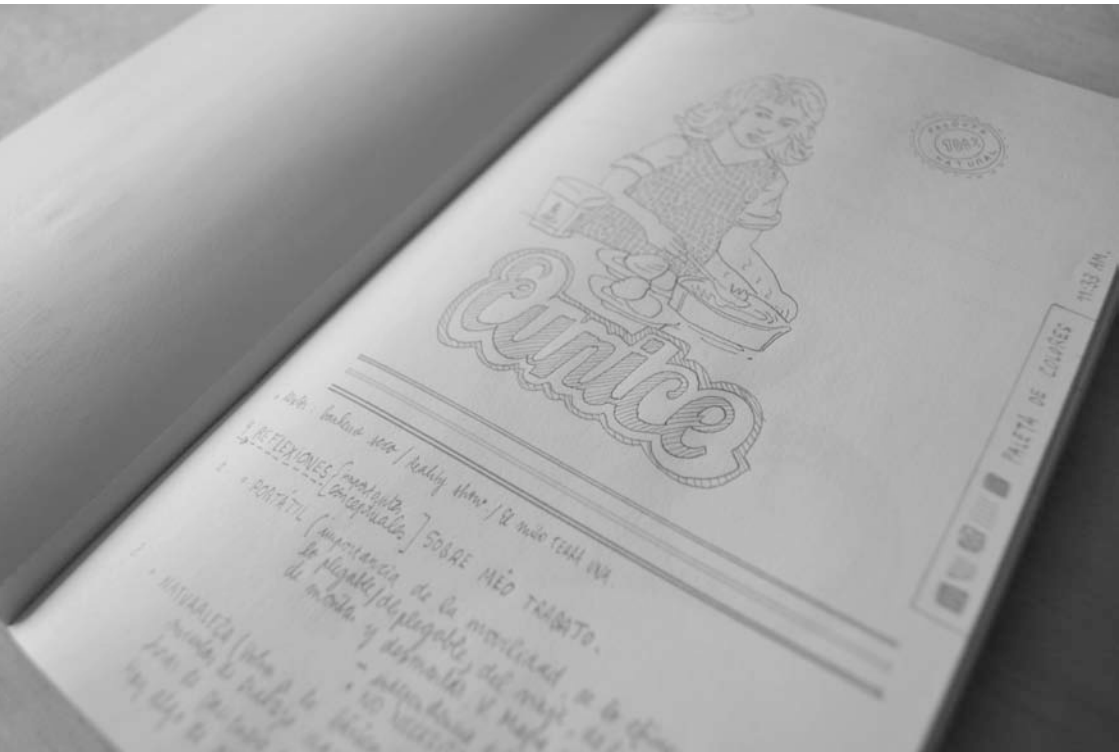
Fotografías: Sistema de defensa / Acción para pasar el tiempo / Barricada / Intento de fuga

Cintia Clara Romero

1976, Ataliva. Vive em Santa Fe, Argentina.



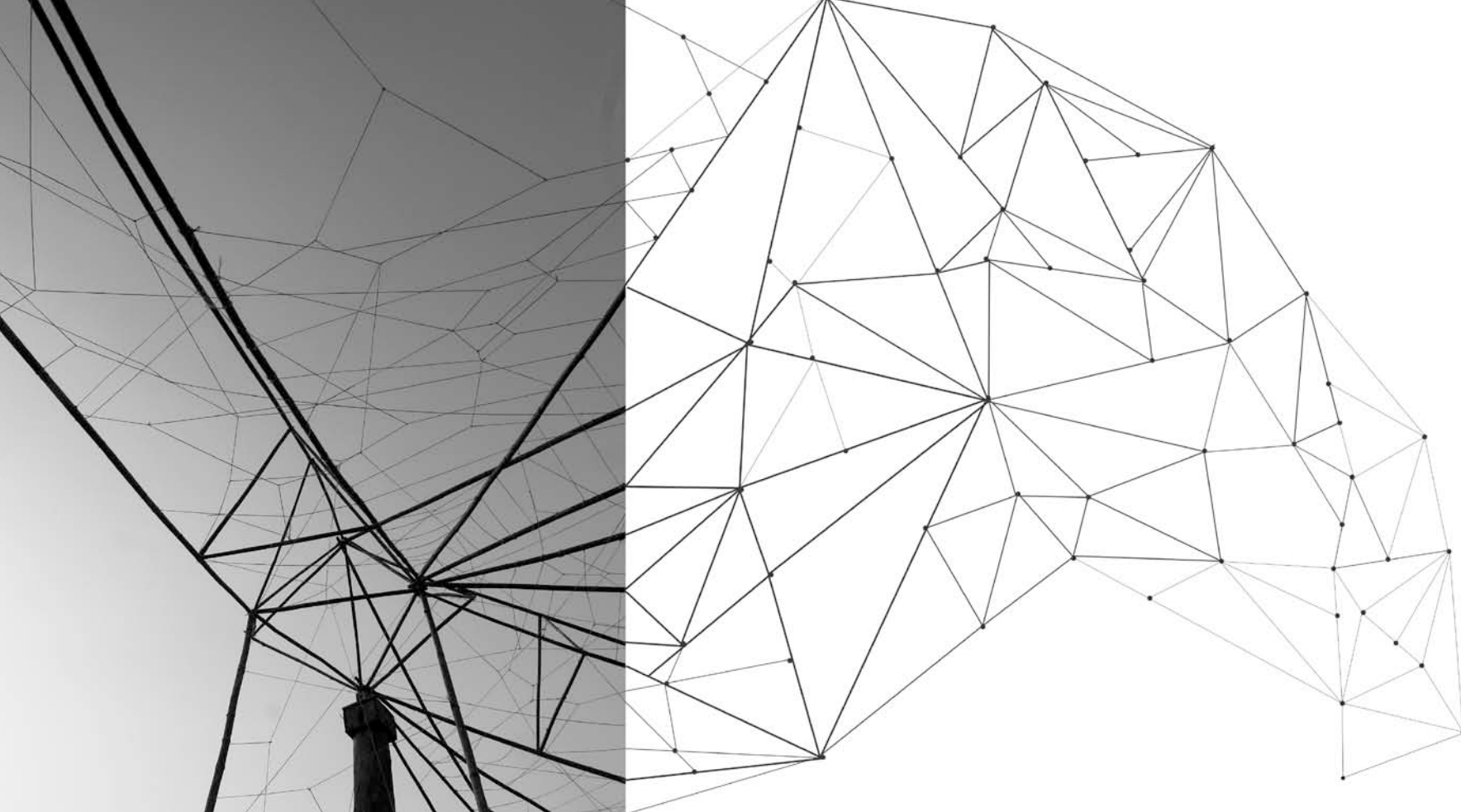
EXPERIÊNCIA PORTÁTIL, TÉCNICA MISTA. FOTOS: DANIEL SALAMANCA



Érase una vez una residencia artística en la sierra de Mantiqueira, Brasil. Allí, uno de los artistas decidió empacar toda su experiencia de viaje en una pequeña maleta que luego transportaría por diversas partes del mundo. En ella entraron cuadernos, libros, fotografías, textos, recortes, reflexiones y otro montón de cosas que daban cuenta de su breve paso por aquel lugar llamado Terra una.

En la tarjeta del metro de Londres dice lo siguiente: “Travel is a means to an end. Home.”. Yo pienso exactamente lo mismo. Y Terra Una fue un lugar parecido a un hogar.

Daniel Salamanca
1983, Bogotá, Colombia.



Casa de la Cachoeira

Para John Cage la palabra experimental es apta siempre que se entienda no como la descripción de un acto que luego será juzgada en términos de éxito o fracaso, sino simplemente como un acto cuyo resultado es desconocido. Al hablar de arquitectura experimental donde no se tiene control sobre el resultado, nos enfrentamos a una contradicción ontológica del hecho arquitectónico que se basa en la planificación y proyección en tiempo y espacio determinando. Al menos que entendamos esa proyección como un soporte de condiciones dadas por el entorno convirtiéndose en signo de infinitas mutaciones, siempre en constante proceso de cambio, su realización trae consigo lo imprevisible abierto a futuras mutaciones.

El proyecto inicial "Naturaleza Geodésica" (http://issuu.com/abraham84/docs/naturaleza_geod_sica_01) parte del interés de explorar éstas condiciones de materialización en un entorno natural que posibilite el habitar o el simple estar,

utilizando el principio de la geometría geodésica, se busca una estructura de carácter orgánico y efímero que se articule y dialogue en el espacio.

La materialización lleva consigo la puesta en escena de sus imposibilidades que son externas a cada proyecto, (normativas y desconocimiento en los procesos internos de la experimentación arquitectónica) llevó a la reestructuración del proyecto llegando así a la Casa de la Cachoeira, proyecto de estructura regular hecha de bambú, donde la experimentación se aminora y se aboca a dar respuesta a necesidades y deseos de los moradores de Terra Una. Convirtiéndose en un espacio para posible reuniones al aire libre y que por medio de plantas trepadoras de maracuyá sembradas en la base de cada una de las estructuras proyectará sobre y configurará un espacio para estar.

Oscar Abraham Pabón

1984, San Juan de Colón. Vive em Caracas, Venezuela

Tan lejos / Tan Cerca

Asumiendo una personalidad pirata viajando en busca de tesoros, fortuna y aventura, valiendome de la memoria como brújula, de la intuición como mapa y del azar como ruta emprendí la búsqueda a lo largo de mi camino del las piezas que constituirían mi tesoro. Elementos que detonaran recuerdos de aquellos que extrañaba en la lejanía desde ese lugar ajeno en el que todo el tiempo estaba tan lejos y al mismo tiempo tan cerca de los lugares que suelo habitar, así al tiempo que descubría nuevos lugares, entornos y paisajes encontraba en estos aquellos objetos-recuerdo que junto con los mapas, coordenadas y registros del lugar, momento y memoria generada constituirían el botín del tesoro enterrado en Terra Una entre las montañas de Minas Gerais.

El mapa que por un lado indica el camino a Terra Una y por el otro el camino a donde yace enterrado el tesoro fue dividido en 8 partes que fueron entregadas para ser custodiadas a 7 de los tripulantes de la residencia que me acompañaron en esta aventura pirata.

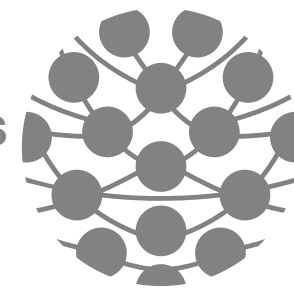


Fátima Vélez // 18 de Mayo de 2011 2:42 pm. // Cemeterio Liberdade, Minas Gerais.



El objeto de mi viaje a Terra Una como miembro de una de las tres residencias organizadoras del programa intercambios florestales 2011 era acompañar desde mi papel de gestor a los artistas residentes, pero poco tiempo después de haber llegado a Terra Una en el corazón de la Serra da Mantiqueira la línea que había trazado en mi cabeza para dividir mi rol de artista y mi rol de gestor, se empezó a desdibujar hasta que terminó de desaparecer por completo y pronto todos los demás roles en los que estaba clasificada personalidad se convirtieron en un solo gran rol el de Residente, que iba desde gestor pasando por cocinero, amigo, vecino, fotógrafo, niño, primo, guía, investigador, comediante y pirata, hasta artista en un mismo lugar donde todos los que me rodeaban también eran primos, vecinos, colegas, amigos, cocineros y aseadores a la vez.

Sebastián Cruz Roldán
1985, Bogotá, Colombia
artista convidado



Oficinas na E.E. Freo José Wulff

DESENHO “Teia dos sonhos” com Marina Fraga (RJ)

Objetivo: Introduzir a linguagem plástica.

DESENHO com Marcone Moreira (PA) para o 6 ano tarde

Objetivo: Introduzir a linguagem plástica.

NARRATIVA com Daniel Salamanca (Colômbia)

Objetivo: experimentar a criação literária aliada a dispositivos plásticos portáteis.

OBJETOS REUTILIZADOS com Oscar Abraham (Venezuela) - para EJA e magistério

Objetivo: Introduzir ao pensamento de urbanismo e pensar projetos de intervenção urbana possíveis de se realizarem na cidade utilizando objetos reutilizados.

Oficinas no Ponto de Cultura e Sustentabilidade

ESCULTURA com José Carlos Garcia (RJ)

Objetivo: Introduzir a linguagem plástica.

JORNALISMO “O jogo da Cidade: oficina de histórias e jornalismo” com Floriana Breyer (SP)

Objetivo: desenvolver o pensamento crítico e documentar os potenciais e desafios da cidade.

CRIAÇÃO MUSICAL com Leandro César da Silva (MG)

Objetivo: Introduzir a linguagem musical

VÍDEO RETRATOS com Cintia Clara Romero (Argentina)

Objetivo: experimentar a linguagem audiovisual realizando retratos de curta duração.



ACIMA:

OFICINA DE ESCULTURA COM JOSÉ CARLOS GARCIA. FOTO: MARINA DAIN

ABAIXO: ALUNOS DO EJA E MAGISTÉRIO NA OFICINA DE OSCAR ABRAHAM. FOTO: SEBASTIAN CRUZ

1 | CINTIA ROMERO

2 | DANIEL SALAMANCA

3 | FLORIANA BREYER

4 | LEANDRO CESAR

5 | MARCONE MOREIRA

6 | MARINA FRAGA

7 | OSCAR ABRAHAM

8 | ZÉ CARLOS GARCIA



TERRA UNA

INTERAÇÕES FLORESTAIS
JUN. 2011

SEXTA 10.06 | SÁBADO 11.06 | DOMINGO 12.06

9:30/13:00
ANDARILHO^A
[3/Floriania]

10:30/13:00
TESORO^B
[Sebastián]

16:00/16:40
PLÁSTICAS SONORAS
[4/Leandro]

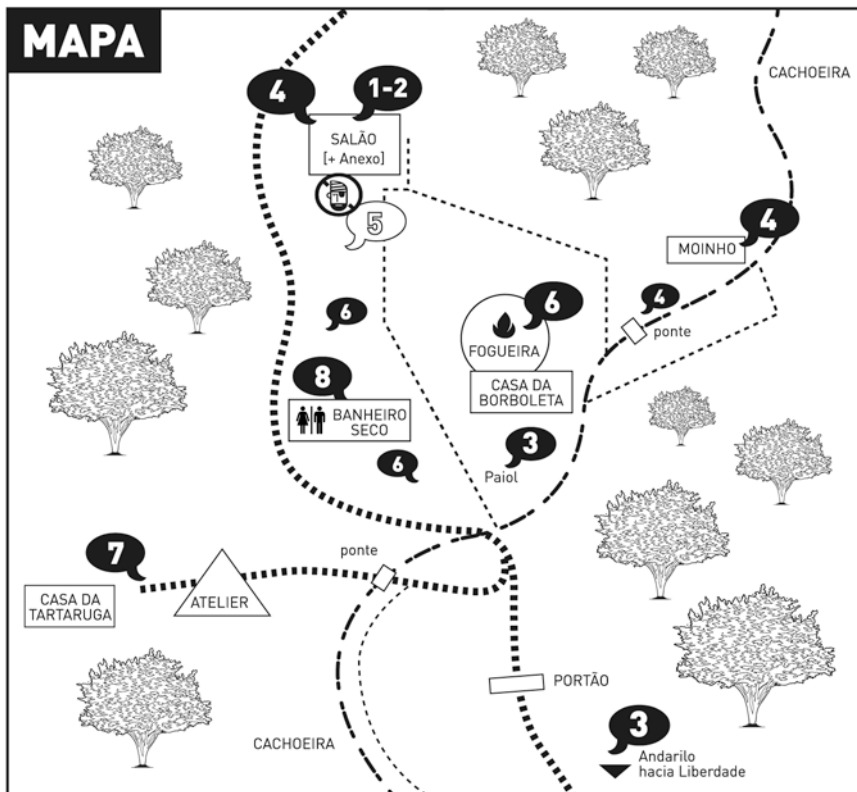
17:00/19:00
VIDEOS
[1/Cintia]

20:00/22:00
MOSTRA FOTOS + DRINKS*
Selección del grupo
* [Zé]

20:30/21:00
Video [Flor]
21:00/21:30
Fotos [Sebas]

21:30/22:00
PROYECCIÓN
[6/Marina]

A- Batismo do carrinho em Liberdade. Saída: 9:30.
B- Recorrido para enterrar un tesoro + fotos paiol
! / Ver mapa para ubicar los lugares



1 | PROYECCIÓN DE VIDEOS Y FOTOGRAFÍAS
CUARTO ANEXO AL SALÃO

2 | MUESTRA DEL CONTENIDO DE 1 MALETA
CUARTO ANEXO AL SALÃO

3 | PROJEÇÃO DE VIDEO
Primeiros passos de Andarilo
FACHADA DO PAIOL

4 | USINA HIDRO-SONORA (moinho)
PLÁSTICAS SONORAS (salão)
FOTOGRAFÍAS (ponte)

5 | OBJETOS NOS CAMINOS NATURAIS

6 | PIROGRAFÍAS E TELAS (varios lugares)
PROJEÇÃO DE VIDEO/FOGUEIRA

7 | CASA DE LA CACHOEIRA
ARQUITECTURA EN EL LUGAR

8 | EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL PARA ESPECTADOR INDIVIDUAL
BANHEIRO SECO
+ Objetos nos caminhos naturais

+ PROYECTO PIRATA

Invitado especial
RESIDENCIA EN LA TIERRA
COLOMBIA

POR SEBASTIÁN CRUZ ROLDÁN

Asumiendo una personalidad pirata, valiéndome de la memoria como brújula, de la intuición

como mapa y del azar como ruta, emprendí la búsqueda de objetos que detonaran una serie de recuerdos. Esto para apropiarme de ellos y convertirlos así en una memoria que junto con los mapas coordenados y registros del lugar, constituyen el botín que será enterrado dentro de las montañas de Minas Gerais.



IF_en_red_argentina

//Crônica

El CENTRO RURAL DE ARTE realiza una alianza con el Parque Nacional Nahuel Huapi para desarrollar este proyecto en Isla Victoria.

Esta isla tiene un largo de 20 Km y un ancho que varía de 1 a 4 km. Hay una escuela, una hostería, un restaurant y una maderera. Viven alrededor de 30 personas y centenares de visitantes llegan diariamente en barco.

Durante la residencia nos alojamos en una casa ubicada a orillas del lago, dentro del caserío de los trabajadores. Esto nos permitió compartir experiencias cotidianas de la vida en isla. Cumpleaños, ciclos de cine a la canasta, recolección de leña, almuerzos junto a los trabajadores del restaurant. Los proyectos se fueron entretejiendo en esta dinámica y modificando con el paso de los días. Así, los pobladores se involucraron en los proyectos y participaron a través del relato de historias, en la realización manual de objetos, en la logística de las presentaciones a público o como actores.

Los tres proyectos fueron creaciones in situ y se realizaron performances abiertas a los pobladores y personas en tránsito. Los últimos días nos instalamos en Bariloche para realizar la presentación de un registro de la experiencia que consistió en una charla e imágenes proyectadas en la fachada del edificio de la intendencia del P.N. Nahuel Huapi.

Artistas participantes

Katherine Patiño Miranda (Colombia)

Jimmy Rangel Acosta (Colombia)

Marcus Vinícius (Brasil)



ACIMA: JIMMY RANGEL ACOSTA
ABAIXO: MARCUS VINICIUS

IF_en_red_colômbia

//Alegria

Tras meses de correos que iban y venían, reuniones por Skype, votaciones y trámites, el día finalmente llegó. Por fin conoceríamos los rostros de maxxpe@hotmail.com, mayanaredin@gmail.com y ximeromero@yahoo.com.ar. Uno a uno fueron llegando a la Residencia en la Tierra, donde residirían juntos por un mes. Los visitantes superaron nuestras expectativas desde el primer día.

El tiempo ya había empezado a correr, era el segundo día y ya tenían menos de un mes para desarrollar sus proyectos. Maximiliano Peralta vino desde Argentina a construir sus Núcleos temporales; Ximena Romero también venía de Argentina a trabajar en su proyecto Dispositivos de atravesamiento; y Mayana Redin, desde Brasil, estaba aquí para desarrollar su proyecto Dispositivos de atravesamiento. Tras una serie de recorridos, exploraciones e indagaciones, las ideas empezaron a surgir y los residentes a trabajar.

Algunos días después de la llegada de los 3 residentes del proyecto Intervenciones Florestales, la Residencia en la Tierra recibió otro grupo de residentes de distintas nacionalidades que venían para la temporada de Imagen en Movimiento. Fue un momento de clímax en residencia; los procesos de todos se empezaron a nutrir de las ideas y comentarios de los nuevos residentes. Maxi recibió con gusto la llegada de todos, significaba más mano de obra por varios días, todos colaboraban en la construcción de lo que finalmente se llamaría “La casita de Maxi”. Por su parte, Mayana se trepaba en los árboles, en el tanque, subía, bajaba, llevaba y traía las escaleras, mientras que Ximena recorría el espacio y con su cuerpo bailaba, se quedaba quieta, observaba y se observaba a través de su cámara.

El primero de los refugios de Maxi fue inaugurado con una fiesta a la que asistieron todos los residentes y visitantes. Ya se acercaba el fin, los visitantes se fueron, los 3 volvieron a estar solos con sus trabajos inconclusos, esta última semana y media era definitiva para concluir los proyectos, Maxi le ayudaba a Mayana, Mayana a Ximena y Ximena a Maxi.

Mayana envió su primera carta a Nancy del tanque a la Casita de Maxi; Ximena dictó un taller abierto al público y Maxi finalmente se pudo refugiar de la lluvia en su Albergue.

Así como llegaron, uno a uno se fueron marchando hacia La Agencia en Bogotá, donde expusieron los resultados de sus proyectos antes de tomar un avión de vuelta a casa.

¡Los recordamos con alegría!

Participantes:

Mayana Redin (Brasil),

Maximiliano Rodríguez (Argentina),

Ximena Romerov(Argentina)



ACIMA: MAYANA REDIN. ABAIXO: MAXIMILIANO RODRIGUEZ. FOTOS: NANCY MORA



**Este catálogo continua na internet
veja as obras dos artistas em www.terrauna.org.br**



primeiro grupo

AoLEO. 1983, RIO DE JANEIRO

» ELEMENTOS, FOTOGRAFIA. COLABORAÇÃO: KHALIL CHARIF

CINDY QUAGLIO. 1982, SÃO PAULO, SP. VIVE EM PINDAMONHANGABA, SP
SABI

» FOTOGRAFIAS DA PERFORMANCE: DOMINGOS GUIMARAENS
» FOTOGRAFIAS DA PERFORMANCE EM AUGUSTO PESTANA: MAYRA MARTINS
» VÍDEO: KALIL CHARIF

DÉBORAH CIMINI. 1981, CARATINGA, MG. MORA EM BELO HORIZONTE, MG
O EU E O OUTRO. COLABORADORES: JAYA PRAVAZ, ARTISTAS RESIDENTES E MORADORES
DE TERRA UNA

» REGISTRO FOTOGRÁFICO DE INTERVENÇÕES: DÉBORAH CIMINI E MAYRA MARTINS
» PONTO CENTRAL, VÍDEO REGISTRO DA PERFORMANCE. 10' IMAGENS E EDIÇÃO: KHALIL CHARIF

ELVIS ALMEIDA. 1985, RIO DE JANEIRO

» UM, FOTOGRAFIA
» DESENHOS

FERNANDO D'PADUA. 1979, BELÉM, VIVE EM COLARES, PA

» TREPERSA, OBJETO. FOTOGRAFIAS VÍDEO DO PROCESSO
» JABIRAKAMBU. VÍDEO KHALIL CHARIF
» ONIRO. VÍDEO KHALIL CHARIF

KALIL CHARIF. 1967, RIO DE JANEIRO

» BRAINSTORM, VÍDEO 1'. FOTOGRAFIAS DE AoLEO
» VÍDEO-EXPEDIÇÕES (ESTUDO 1) 3'
» QUIMERAS DA MANTIQUEIRA, SÉRIA DE VÍDEOS 15' Co-AUTORIA / COLABORAÇÃO: AoLEO,
FERNANDO D'PADUA
» PROJETO LIBERDADE, VÍDEO 3'
» TEXTOS EXTRAS

MAYRA MARTINS. 1982, CAMPINAS, SP. VIVE EM PORTO ALEGRE, RS

» NUENS (SÉRIE), FOTOGRAFIA
» RIO, FOTOS DA INTERVENÇÃO
» SEM TÍTULO 1, FOTOGRAFIAS
» SEM TÍTULO 2, OBJETO (COLEÇÃO) COLABORADORES: JAYA, DÉBORA, KHALIL, FERNANDO,
AoLEO, CINDY, ELVIS, NADAM
» OCEANOTIPIA, CYANOTIPIA SOBRE PAPEL. PARCERIA: NADAM GUERRA

segundo grupo

FLORIANA BREYER. 1982, PORTO ALEGRE, RS. VIVE EM SÃO PAULO, SP

» ANDARILO, OBJETO E INTERVENÇÃO. FOTOGRAFIAS DE SEBASTIAN CRUZ

LEANDRO CÉSAR. 1985, CONTAGEM, MG. VIVE EM BELO HORIZONTE, MG

» USINA HIDRO-SONORA, INSTALAÇÃO SONORA; AMPULHETA DE ROSCA, OBJETO SONORO; CHUVA DE
DUCHAMP, OBJETO SONORO. FOTOGRAFIAS: DOMINGOS GUIMARAENS

MARCONE MOREIRA. 1982, MARABÁ, PA

» AUSENTE PRESENÇA, INTERVENÇÃO. FOTOGRAFIAS: MARCONE MOREIRA

MARINA FRAGA. 1982, RIO DE JANEIRO

» CARBONO, PIROGRAFIAS SOBRE TECIDO. FOTOGRAFIAS: PEDRO URANO
» CARBONO, INSTALAÇÃO-PERFORMANCE COM VÍDEO E FOGUEIRA. VÍDEO DA PROJEÇÃO: MARINA
FRAGA E SEBASTIÁN CRUZ ROLDÁN. REGISTRO EM VÍDEO DA PERFORMANCE: PEDRO URANO E
SEBASTIÁN CRUZ ROLDÁN. FOTOGRAFIAS: DOMINGOS GUIMARAENS
» INFILTRAÇÃO, FROTAGEM DE GRAFITE SOBRE PAPEL DE ARROZ
» INFILTRAÇÃO, AÇÃO DO RIO E GRAFITE SOBRE TECIDO

ZÉ CARLOS GARCIA. 1973, RIO DE JANEIRO

» SEM TÍTULO, INTERVENÇÃO. FOTOGRAFIAS: DOMINGOS GUIMARAENS



CACES

TERRA UNA



1 ponto de
CULTURA É
SUSTENTABILIDADE



CENTRO RURAL DE ARTE



EE Frei
José
Wulff



CENTRO CULTURAL
DA ESPANHA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Secretaria de
Cidadania Cultural

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Esta iniciativa integra o Prêmio Interações Estéticas - Residências Artísticas em Pontos de Cultura